

Dr. Marv Wilson, Profetas, Sessão 28, Isaías, Passagens Seleccionadas 3

© 2024 Marv Wilson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Marv Wilson em seu ensinamento sobre os Profetas. Esta é a sessão 28, Passagens Seleccionadas de Isaías, Parte 3.

Tudo bem, vou orar e começaremos.

Começamos esta semana precisando da sua ajuda, nosso Pai. Somos todos estudantes, todos buscamos sabedoria, todos buscamos conhecimento da sua vontade. Confessamos que sofremos de indigestão teológica na maior parte do tempo. Sabemos muito mais do que praticamos.

Estudamos e aprendemos mais do que ativamos em nossa própria experiência. Na verdade, ajude-nos a extrair as implicações práticas das coisas que ouviremos hoje em todas as nossas aulas. Obrigado porque sua palavra é uma rocha.

A imagem das Escrituras é que ela está lá quando todo o resto desaparece. Como nos lembra o nosso bom profeta Isaías, a flor murcha e murcha, mas a palavra de Deus é para sempre. E assim oramos para que leiamos as escrituras como se, de fato, nossa vida dependesse delas.

Obrigado por você ser a âncora da nossa vida. Quando tudo ao nosso redor desmorona, podemos contar com sua presença. Que essa verdade nos sustente hoje, rogo por meio de Cristo, nosso Senhor. Amém.

Tudo bem, você deveria prosseguir em seu estudo de Isaías 1-27. Não se esqueça, 20 minutos por dia, todos os dias, valem muito mais do que uma noite inteira daqui a 13 dias.

Isso faz sentido? Você pode acumular a mesma quantidade de tempo, mas parte dele será perdida. Estudar para um exame bíblico de inglês é como aprender uma língua estrangeira. Os especialistas dizem que se você estudar várias vezes em intervalos mais curtos, aprenderá muito mais do que se acumular tudo em um longo período de tempo.

A repetição é a mãe do aprendizado. Se você voltar e acertar as coisas várias vezes, isso será útil. Quero percorrer algumas passagens seleccionadas.

Começamos a fazer isso. A última vez que estive no capítulo 1, falamos sobre esta nação rebelde. Isaías é uma nação rebelde.

A principal preocupação de Isaías é com Judá, obviamente. Ele apresentou sua acusação, que eu disse ser semelhante em muitos aspectos, à do Reeve. Essa é a disputa, o litígio, o caso que Deus apresentou em Miquéias capítulo 6, com as colinas sendo testemunhas das palavras do promotor, que é Yahweh através de seu veículo, seu porta-voz, Miquéias.

A última coisa que falei foi novamente paralela a Miquéias 6. Miquéias 6 se baseia nas palavras de Isaías. Ele aumenta seu crescendo e levanta a questão do que o Senhor exige. Seu próprio povo pensava que a religiosidade externa era a ênfase.

É muito importante que você entenda isso porque esse é o tipo de coisa que Jesus capta. Não querendo acrescentar rituais, cerimônias e leis, mas cortar para a atitude interior, para o verdadeiro significado da espiritualidade, que para Jesus começa por dentro e sai. Ele não apenas ensina isso de maneira pessoal, mas também é obviamente como entendemos o reino de Deus.

O reino de Deus está no meio de vocês, mas o meu reino não é deste mundo. Este reino que Jesus tinha para oferecer não foi um golpe bombástico, expulsar Roma, plantar o Mogan David em Jerusalém, e vamos expulsar todas as outras nações do mundo e estabelecer o nosso reinado e governo. Não, era mais sobre Malkuth Hashemayim, o reino de Deus no coração, na submissão do coração ao reinado e governo de Deus, e começa no lado interno das coisas.

O que Jesus ensinou então é realmente o que os profetas ensinaram. Embora haja uma acusação contundente aqui onde o próprio povo de Isaías é comparado ao povo de Sodoma e Gomorra, versículo 10, ele então volta a este tema cerimonial, sacrifício, ritual, e diz: o que para mim são seus sacrifícios, seus queimados? ofertas, sangue de touros e bodes? Novamente, parece ser contraditório com as Escrituras e contraditório com os sacerdotes. Ele diz, pare de trazer essas ofertas vãs, versículo 13.

Muitas vezes, você encontrará na NVI que a tradução da palavra vaidade ou vão é considerada sem sentido. A palavra tem essa ideia de vazio. Eles são ociosos.

Eles não são genuínos. Você pode estar agindo externamente, mas internamente a realidade está faltando. Seu incenso é detestável.

Ele volta a esse tema, lua nova, que vimos em qual profeta? Lembre-se que foi Amós. Ele falou sobre as luas novas. Lembre-se que uma vez por mês há lua nova.

Trate-o como um sábado. Nenhum trabalho foi feito. Então, na verdade, no antigo Israel, você tinha o Shabat semanal, além de ter outro feriado uma vez a cada 28 dias, aproximadamente, no calendário, quando havia lua nova.

Agora, se você olhar sob o céu esta noite, verá uma lua cheia. Por que? O que há hoje à noite no calendário judaico? Páscoa. E a Páscoa é no dia 14 do mês de Nisan.

Sob a lua cheia. Dois dos três festivais de peregrinação exigidos em Israel, a Páscoa e, no outono, Sucot, tabernáculos ou barracas, que também ocorrem sob a lua cheia. E havia uma razão para isso.

Como peregrinos, muitos deles vinham de grandes distâncias, e como a lua ficava cada vez mais brilhante, algumas dessas pessoas provavelmente tiveram que fazer parte da sua viagem no escuro. O festival foi realizado sob a lua cheia. Então aqui ele captura todos esses festivais obrigatórios.

O Pessach, o Shavuot, o Sucot. As novas luas. Ele diz: eu odeio essas coisas.

Eles são um fardo para mim. Você pode ser como Salomão na dedicação do templo, 1 Reis 8, e orar diante do Todo-Poderoso com as mãos levantadas para o céu. Não temos muitos lugares na Bíblia onde fale sobre a postura da oração, incluindo o levantar das mãos.

Temos isso em 1 Reis 8, na dedicação do templo, e Isaías retoma isso aqui. E quando ele está falando sobre estender as mãos, literalmente, são as palmas voltadas para Deus. Deus não se impressiona com a mera piedade exterior, mas novamente deseja integridade moral interior.

E então ele coloca o outro lado nas mãos. No versículo 15, suas mãos estão cheias de sangue. E, claro, ele está usando isso para as formas injustas como o povo de Deus foi tratado.

E ele está usando isso para as formas injustas como o povo de Deus tem se comportado. Mas ele usa isso como uma transição para nove imperativos que surgem. Veja, é assim que Paulo organiza todo o seu livro de Romanos.

1 a 11 é altamente teológico. Fala sobre salvação, justificação, glorificação e pecado. É realmente um catálogo de doutrinas cristãs.

Então ele lança 40 imperativos. Em Romanos capítulo 12, onde ele vai do altamente teológico ao ético, ao como você vive. E então Isaías também aqui.

E estes primeiros quatro imperativos são advertências à luz da condição de Israel. Eles são todos negativos e estão todos lá para mostrar os sentimentos de Deus em relação ao mal. Ele diz, antes de tudo, lavem-se.

Ou lavem-se e limpem-se. Estas provavelmente não são tanto lavagens cerimoniais, mas são lavagens sobre as quais talvez a maior parte das epístolas judaicas do Novo

Testamento fala. Isso foi escrito pelo meio-irmão de Jesus, com toda probabilidade, Tiago.

E 4:8, o que Tiago diz? Aproxime-se de Deus e ele se aproximará de você. Limpem suas mãos, pecadores. Purifiquem seus corações, homens de mente dupla.

Então, quando James diz para limpar as mãos, ele está usando isso como uma metáfora. Aqui é Hendiadys, dois por um. Literalmente galinha, o pronome grego neutro que significa um.

Dia significando através. Deuce significa dois. Hendiadys, nossa palavra em inglês, onde você pega duas palavras do idioma original para transmitir uma ideia.

Vimos isso em Jonas, levante-se, vá para Nínive. Nós vemos isso aqui. Lave e deixe limpo.

E então ele está falando sobre um primeiro passo de purificação 1 João 1:7 ou 1 João 1:9 para ser mais preciso. Se você confessar os seus pecados, ele é fiel e justo para perdoar os seus pecados e purificá-lo de toda injustiça. Estamos falando aqui de uma limpeza espiritual interior.

E esta é a linguagem que as escrituras usam. Começa nos profetas. Então o terceiro imperativo depois de lavar e limpar é remover o mal.

Remova o mal de suas ações. Quando as pessoas se engajam na teshuvá genuína, na reviravolta genuína e no arrependimento, isso resulta na cessação do mal. A palavra hebraica para arrependimento, teshuva, envolve uma ação dupla.

Metaforicamente, significa afastar-se do pecado. Faça um 180. Inverta sua direção.

Inversão de marcha. Isso é o que teshuv significa. E então significa que depois de você abandonar seu pecado ou se afastar do mal, significa voltar-se para o Deus vivo com um espírito em seu coração que diz: Sinto muito por desistir.

Então, ele vê, novamente, dar a advertência ao povo para cessar o mal. Esta é a verdadeira natureza do arrependimento. Remover, deixar de fazer o mal, remover atos ou ações malignas.

E então ele chega a cinco imperativos. Esses cinco são todos positivos. Lida primeiro com os aspectos negativos.

É isso que o profeta procura, que demonstre a verdadeira piedade. Estes tratam de uma vida justa. A primeira se encontra no versículo 17, onde ele diz: aprendam a fazer o bem.

Teólogos, psicólogos e assistentes sociais, particularmente no mundo cristão, têm debatido até que ponto fazer o bem é inato ou até que ponto fazer o bem é bom. E ele diz, aprenda a fazer o bem. Até que ponto é algo que você tem que ensinar? Bem, suspeito que no final sejam as duas coisas.

Se acreditarmos em Agostinho, que está sobre os ombros de Paulo, e outros que seguiram, esse pecado original é algo com que nascemos e que nos faz ter uma predisposição para não fazer o bem. E se acreditarmos em Romanos 8, que usa a palavra Espírito Santo muitas e muitas vezes, onde Paulo fala da necessidade do Espírito para neutralizar aquela velha natureza pecaminosa. O homem Sarkakos, o homem carnal, é um homem do espírito do Espírito Santo.

Então sabemos que precisamos da ajuda de Deus para vencer. Portanto, para aprender a fazer o bem, Deus é o melhor professor com T maiúsculo para aprender a fazer o bem. É por isso que temos nas Escrituras o que chamamos de ética.

Ética basicamente significa como viver e como conduzir seus relacionamentos de maneira adequada e piedosa em relação aos outros seres humanos. Em parte, a nossa educação universitária consiste em aprender como o povo de Deus compreendeu o que é uma vida boa e o que as Escrituras ensinam sobre o que ela significa, à medida que Jesus se envolve nos evangelhos que questionam o que significa ser bom. Agora, no sentido de Paulo, estar vestido com a justiça de outra pessoa tem muito a ver com o que significa fazer o bem, em vez de ter a capacidade de se apresentar diante de Deus no seu próprio senso de bondade e justiça.

O segundo imperativo é buscar julgamento ou justiça e imparcialidade. Voltaremos a esse tema em um momento. Isto, é claro, se enquadra muito bem com a nossa trindade ética Miquéias 6.8, a prática da justiça, hesed.

De preferência, traduzem-se em tratos bondosos ou graciosos para com os outros e depois andar diante de Deus com modéstia, humildade e cuidado. O seu terceiro imperativo é a opressão correcta, especialmente a opressão dos que não têm essa sociedade, dos economicamente desfavorecidos ou daqueles que não tinham o poder na sociedade, os impotentes. E aqui vemos como os profetas se apoiam nos ombros de Moisés.

Moisés é quem fala principalmente do órfão, da viúva e do estrangeiro. Essas são as pessoas que tendem a ser oprimidas. E assim, o profeta fala sobre Israel ter preocupação com a opressão.

Este tema, que esta noite na Páscoa vamos desenvolver neste texto, o êxodo ocorreu centenas de anos antes dos dias de Isaías, mas a tirania e a opressão e a necessidade de libertação e libertação, o significado daquela palavra Yeshua, que Deus traz para

Israel quando eles saírem do Egito. E assim, este se torna um tema dominante: liberdade. E, claro, torna-se uma grande ênfase no que hoje chamamos de teologia da libertação.

Quando os rabinos falaram sobre os sete mandamentos que incumbem aos filhos de Noé, isto é, aos não-judeus pelos quais eles devem viver, uma das sete leis de Noé-criança era estabelecer tribunais de justiça e fala sobre este ponto específico. O próximo, defenda os órfãos. E aqui, no versículo 17, isso nos leva ao órfão.

Em uma das palavras do Novo Testamento grego, temos as palavras em inglês órfão, órfão, órfão. A partir dele. E os órfãos representavam um grupo muito vulnerável.

Tanto é assim, um dos fascinantes epítetos, termos pelos quais o Deus de Israel é abordado no Salmo 68, versículo 5, pai dos órfãos. E voltando na linha seguinte, protetor das viúvas. E então, o que você vê nesses dois imperativos finais, o quarto e o quinto imperativos? Defenda o órfão e suplique pela viúva.

Então, quem é o Deus de Israel? Ele é o pai dos órfãos e o protetor das viúvas. A implicação aqui do Salmo 68, versículo 5, como Israel usaria esta expressão em sua hinologia, era um lembrete de que, no nível diário, aqueles que oprimiam os órfãos e as viúvas estavam, é claro, fazendo isso ao Todo-Poderoso. Há uma conexão direta entre a identidade, o caráter, os atributos do Todo-Poderoso, conforme Ele é descrito nas Escrituras, e Seu povo que deve demonstrar essas preocupações.

Como Ele é santo, eles devem ser santos. Como Ele é um Deus de justiça, eles devem ser justos. Assim como Ele é misericordioso e compassivo, Seu povo deve ser misericordioso e compassivo.

Esta súplica pela viúva foi um dos primeiros casos de teste depois que a igreja cristã foi estabelecida. Você se lembra que foram escolhidas sete pessoas para servir na mesa na distribuição de comida para as viúvas porque havia um problema aqui entre os helenistas e os hebraístas, os dois grupos de judeus na igreja primitiva. E Estêvão, claro, é um dos escolhidos entre os sete para lidar com uma necessidade muito prática nesta comunidade judaica incipiente de vários milhares de pessoas nascidas no dia de Pentecostes.

E agora eles tinham que enfrentar um problema prático real, que dizia respeito às viúvas. O cristianismo aparece e não diz, ok, o que vamos fazer agora com as viúvas? Eles já tinham uma tradição que existia há 1.500 anos, 1.400 anos desde Moisés até esta época. A viúva deveria obter os seus direitos legais, muitas vezes negados por litigantes ricos.

Naquela época, se uma mulher perdesse o marido, sendo um mundo patriarcal, a mulher poderia muitas vezes perder a sua fonte de rendimento. Às vezes, a

propriedade poderia ser hipotecada a alguém com quem, e a viúva poderia ser essa família em particular, especialmente o marido, tinha uma dívida considerável. E mesmo as crianças às vezes podiam ser vendidas como escravas para quitação de dívidas.

E assim, a defesa do caso da viúva é um conceito importante a ser compreendido porque está inserido diretamente no Novo Testamento. E a responsabilidade, penso eu, do surgimento do cristianismo judaico primitivo, a preocupação com os economicamente vulneráveis, é muito importante para sabermos de onde vem este conceito. Assim, a igreja mais antiga não precisou se reunir e inventar uma tradição de preocupação.

Já estava lá. Já estava na prática. E a igreja mais antiga é uma extensão de Israel, não a substituição de Israel.

E assim, quando Paulo escreve, particularmente as suas epístolas pastorais, a preocupação pela viúva está presente. Fazia parte de sua tradição. Agora chegamos a um versículo frequentemente citado no versículo 18, que é então, à luz desta acusação e depois do apelo à reparação, à correção, que leva a este convite.

Venha agora, vamos raciocinar juntos, diz o Senhor. Embora os seus pecados sejam como a escarlata, embora sejam brancos como a neve, embora sejam vermelhos como o carmesim, eles serão como a lã. Este convite específico que vemos aqui está repleto de figuras muito ricas.

Se a imagem que se destaca antecipa o que centenas de anos depois, no Novo Testamento, fala sobre o poder do perdão de Deus em termos muito impressionantes, é este versículo. A maneira pela qual penso que, em parte, conseguiremos desvendar o versículo 18 é compreender a indústria moribunda no mundo antigo. O verme tolu do qual já falamos um pouco em Jonas entra em cena aqui.

Ele diz que embora seus pecados sejam como a escarlata, eles serão como as encostas do Monte Hermon que coroam a terra. O Monte Hermon é cerca de 3.000 pés mais alto que a montanha mais alta da Trilha dos Apalaches, o Monte Washington. Bem, estive em Tuckerman's Ravine, em Mount Washington, na primeira semana de julho e tive uma luta de bolas de neve.

A neve lá em cima, embora tenha menos de 2.200 metros de altura. O Monte Hermon coroa a terra, que você pode ver aqui, e o Monte Hermon é mencionado nos Salmos. O Monte Hermon provavelmente foi o monte onde Jesus sofreu a tentação.

E embora os católicos lhe digam que provavelmente é o Monte Tabor, que tem vista para o Vale de Jezreel ou Megido. Diz nos Evangelhos que era uma montanha muito

alta. E aquela palavrinha, muito alta, pode ter uma referência a esta montanha que tem neve.

E é chamado Monte Hermon. Todos os meses do ano. Acho que foi há pouco mais de 10 anos que os meteorologistas pararam de contar quando a neve lá em cima tinha mais de 50 metros de profundidade.

No topo. 50 metros de profundidade. Portanto, esse maravilhoso escoamento eventualmente se torna o Alto Jordão.

O Alto Jordão é alimentado também pelas nascentes de Banias. Perto das nascentes também na Dan Nature Preserve. E aquela parte norte da terra tendia a ser quando os selêucidas controlavam a área.

Eles sabiam onde iriam se sair melhor em Israel em sua adoração à natureza. Porque a parte norte do terreno tinha água. E teve esse segundo turno o ano todo.

E assim, a beleza das árvores e daquela área à medida que a água desce e eventualmente chega ao Mar da Galileia. Isso poderia acomodar a adoração da natureza, especialmente do deus Pã. E o percurso que levou, como já disse antes, à grande batalha de 198.

Agora, dois séculos depois, nos dias de Jesus, era Cesaréia de Filipe. Mas aquele local conhecido como Banias em muitos mapas de Israel hoje mantendo essa palavra, é onde se cultua a natureza com o Deus Pã. E que as águas do Hermom e de toda esta região na Alta Galiléia.

E então quando o profeta aqui quiser fazer uma comparação, poderia sempre olhar para o Monte Hermon. Há alguns anos, num daqueles dias em que toda a nebulosidade e coisas no ar desapareceram. Estávamos aqui no topo do Monte Tabor.

E olhando para o Monte Hermon, era como se você pudesse estender a mão e tocá-lo. Estava tão claro, muito cedo. E a beleza da neve, embora estivéssemos a mais de 64 quilômetros daqui olhando para cá.

Eu disse a mim mesmo: agora você entende como Isaías pôde fazer essa comparação. E eu disse a mim mesmo: qual era a ligação entre o coração de seus compatriotas que precisava de limpeza? A palavra Fenícia, é claro, como temos aqui para as cidades de Sidon e Tiro, recebe o nome do grego fênix, que significa púrpura. E quando os gregos tiveram que inventar um nome para a terra de Canaã ao longo da costa, eles a chamaram de Terra Púrpura, que é o significado de púrpura.

Provavelmente aqui por causa de lugares como Dor, o nome de Dor na costa, onde os arqueólogos descobriram evidências consideráveis da indústria moribunda, particularmente o uso da concha Murex, que foi levada. Era um marisco capturado em grandes quantidades ao longo da costa fenícia, desde Tiro e em direção ao sul. E portanto, em textos antigos, temos esta expressão, púrpura de Tiro.

Tão famosa pela pequena casca de Murex, que continha dois ingredientes. Um era azul escuro e o outro era vermelho brilhante. E quando você junta o azul escuro e o vermelho brilhante, a indústria moribunda fornece roupas com cores bastante marcantes.

Conseqüentemente, a ideia de o roxo ser a cor da realeza ou de ser admitido na ordem do roxo é uma expressão que encontramos no mundo antigo. Algumas dessas vestimentas, e há um monte de tonéis moribundos nos quais o tecido teria sido colocado, às vezes até dez vezes, para produzir uma cor escarlata. Agora, a palavra carmesim é a palavra tola, que também se relaciona com a indústria moribunda, mas esta novamente do verme.

Lembre-se de que falamos em Jonas sobre dois significados, tola na Bíblia, como referência, em primeiro lugar, ao próprio verme, um tipo de verme parasita que vivia nas árvores, que, como veremos em um momento, era um verme parasita. tipo de verme. Em segundo lugar, deu origem a que, quando este pequeno verme foi retirado e esmagado em água, produziu um corante de cor firme, que a Bíblia, geralmente em inglês, traduz como a palavra carmesim. Sendo uma substância de cor firme, não poderia ser erradicada.

Portanto, era a substância orgânica mais procurada pela indústria de tinturaria devido à sua qualidade indelével. Não poderia ser lavado. O que o profeta está fazendo aqui em suas figuras de linguagem é traçar um contraste entre o pecado, e acho que há uma ligação aqui entre esses pecados e nossas mãos estarem manchadas de sangue.

Mas, ainda assim, o convite de Deus é para o perdão, que vem através dele, o que dá um contraste radical através do seu perdão. Assim, Israel seria uma das nações mais poderosas, assim como os picos nevados do Hermon, ou seria como ovelhas lavadas no rio Jordão antes da tosquia. Eles serão como lã.

Acho que esse número é provavelmente tão poderoso em antecipação por meio de imagens verbais, e foi assim que Hebreus ensinou grande parte de sua teologia por analogia. A maior parte da teologia que temos na Bíblia Hebraica é análoga à vida cotidiana. Deus é um pai.

Deus é um pastor. O pecado é como um arqueiro que erra o alvo. Há muitas dessas coisas que Deus usa através de figuras de linguagem para transmitir essas verdades atemporais.

A segunda coisa sobre a qual quero falar hoje é esta passagem do capítulo 2, que nos fala do triunfo do reino de Deus. Já vimos essa passagem antes, e Miquéias e Isaías, um pode ter emprestado do outro porque a linguagem é muito próxima para dizer que cada um por si só a inventou de forma independente. Então, ou um pegou emprestado do outro ou ambos voltaram para outra fonte independente que agora está perdida.

Mas eles refletem aqui um ensinamento sobre o eventual desenvolvimento do reino de Deus. Portanto, temos aqui um paralelo com Miquéias 4, 1-3. Agora, algumas coisas que quero enfatizar novamente.

Isso acontecerá nos últimos dias. Quando começaram os últimos dias? Tudo começou no Novo Testamento. A morte, a ressurreição, a ascensão de Cristo inauguraram os últimos dias.

Como sabemos disso? Bem, há vários textos do Novo Testamento. Um dos melhores que você pode oferecer para mostrar que os últimos dias já começaram é Hebreus, os dois versículos iniciais. De muitas e diversas maneiras, Deus falou antigamente aos nossos pais pelos profetas.

É isso que estamos estudando. Mas nestes últimos dias, Ele falou conosco através de Seu Filho. Assim, o Novo Testamento anuncia que os últimos dias começaram com a vinda de Cristo.

Nesta expressão, últimos dias ou por Yom Ha'Hu e naquele dia, temos visto esta fórmula profética. Frequentemente antecipa que a era messiânica foi inaugurada com a primeira vinda de Cristo e culminará ou consumada na segunda vinda de Cristo. Falamos sobre isso com o conceito Yom Yahweh de Joel.

Assim, isto introduz, por assim dizer, um período messiânico, que é típico desta fórmula. Acontecerá nos últimos dias que o monte da casa do Senhor, que é o Monte Sião, em Jerusalém, será retratado aqui. O monte do templo é a mais alta das montanhas.

Para compreender isto no seu contexto, é necessário compreender novamente algo sobre a vida do antigo Oriente Próximo, como cada cultura tinha a crença de que Deus e o homem comunicavam num lugar alto, numa montanha, num lugar alto. Deus não violou esse tipo de mentalidade que estava presente desde a antiguidade.

Conseqüentemente, ele diz: Moisés, tenho 613 para você. Começaremos com 10. Colocaremos isso em dois tablets e subiremos a montanha.

É onde você irá recebê-los. Jesus faz o seu ensinamento, o Sermão da Montanha, nessa tradição. O Monte Saphon é onde residem Baal, El e Anat e todo o panteão de Canaã.

Pensava-se que estava no norte. Zeus viveu no Monte Olimpo no mundo grego. E os Zigurates no mundo mesopotâmico.

Assim, os povos antigos acreditavam que seus deuses moravam em uma montanha alta. Mas o texto aqui diz que esta será a mais alta das montanhas. Então, algo simbólico está acontecendo aqui.

O chefe das montanhas mais altas indicou que, no final, o Deus de Israel e aqueles que seguirem os ensinamentos do Deus de Israel irão superar todas as outras possíveis revelações ou encontros entre divindades. E isso seria mais alto do que qualquer outra montanha. Uma forma de afirmar que um dia a religião de Israel era a religião e que o seu Deus era o Deus.

Assim, esta montanha, por assim dizer, será estabelecida como mais alta do que qualquer outra colina. E sendo Jerusalém o centro geográfico para o cumprimento, indica aqui o triunfo do reino de Deus. Sabemos que a linguagem aqui nos leva à Era Messiânica porque diz que todas as nações fluirão para esta montanha e muitos povos virão.

Isto provavelmente antecipa a conversão das nações, a conversão dos gentios nos últimos dias, a partir do Pentecostes. E fala de fluir, da palavra fluir para esta montanha. É uma palavra normalmente usada para designar rios no mundo antigo.

Então, temos um fluxo de pessoas que vêm por motivos espirituais. A casa do Deus de Jacó, a casa do Deus de Jacó. Este era na Torá o lugar onde Seu nome habitaria.

Este é o templo de Deus que representa Sua presença. Sua presença enquanto Ele era simbolicamente entronizado acima dos querubins. E assim, há uma teocentricidade nesta passagem.

Venha, subamos, versículo três. O mesmo verbo com o qual termina a Bíblia Hebraica. Essa pequena expressão leva ao substantivo aliyah, que significa subir, o que significa que quando você imigra para Israel, você sobe.

Espiritualmente falando, você sobe a Sião quando faz uma peregrinação até lá. Então, por que razão todas essas pessoas agora estão vindo ao Deus de Jacó? Para

instrução espiritual para que Ele possa nos ensinar Seu caminho para descobrir a vontade de Deus. E assim temos para que possamos andar em Seus caminhos.

É por isso que acho que os cristãos precisam do Antigo Testamento. Posso lhe dar muitas razões, mas esta é fundamental. É a descrição de como entendemos nossa fé.

Bem, credos e códigos de conduta e sistemas doutrinários. E declarações e dogmas são importantes para unir as pessoas e saber no que acreditam e confessar o que acreditam. Mas o Antigo Testamento descreve isso como uma jornada de fé.

Como uma caminhada de fé , precisamos dos ensinamentos de Deus, de Suas mitsvot para nos manter no caminho da vida, para nos manter fora dos becos e valas. E assim, a Torá Adonai, o ensinamento ou orientação ou direção do Senhor, deveria ser dada ao Seu povo para instruí-los em Seus caminhos.

Então, a imagem é uma caminhada. Estamos em uma jornada. E eu acho que as nações, as nações da terra que estão sob Seu senhorio e estão buscando Sua vontade, estão sob essa imagem.

Para que andem nos Seus caminhos, e assim, como diz o Salmo 118, fala-se em caminhar. Então, Noé andou com Deus.

Então, Enoque andou com Deus. Então, Abraão estava em uma jornada de fé. Então, quando você chega ao ensinamento de Jesus nos Evangelhos, Ele se baseia nisso.

Existem duas maneiras. Um caminho estreito que leva à vida, um caminho largo que leva à destruição. Você pega isso no livro de Atos, os Hoddas.

E a igreja primitiva conheceu Jesus, que é o caminho, a verdade e a vida. E essa comunidade de fé foi a maneira pela qual as pessoas ficaram sob Sua instrução. E assim, conforme isso aparece nas Epístolas, Paulo, conhecendo esta passagem hebraica, diz: andem como filhos da luz.

Agora, talvez Paulo esteja enfiando sua adaga um pouco na comunidade essênia. Porque eles eram filhos da luz e filhos das trevas, e ele está dizendo, você quer ser um dos mocinhos.

Andem como filhos da luz. Mas a imagem de caminhar com o Senhor é uma imagem muito importante aqui. E os gentios estão envolvidos nesta ideia.

Já disse isso antes e discuti isso até certo ponto em Our Father Abraham. Acho que uma das maneiras pelas quais a igreja errou foi quando se tornou muito dogmática e se concentrou demais em um sistema de crenças, em vez de aprender sobre a vida e a maneira como Deus deseja que Seu povo viva no relacionamento com os outros.

Vamos aprender sobre a maneira pela qual Deus quer que aprendamos Seus caminhos para que possamos andar em Seus caminhos.

Porque de Sião sai a lei e a palavra do Senhor de Jerusalém. Agora, o fim de tudo isto, o clímax, é uma paz duradoura e permanente. Então, acho que a linguagem aqui obviamente nos leva ao fim da era da igreja, ao fim da era messiânica, ao tempo da segunda vinda, onde teremos a culminação do reino de Deus.

Onde o próprio Senhor imporá Seu governo justo nesta terra, sem conflitos internacionais, e todos os países viverão em paz. Lembre-se daquele pequeno detalhe extra que Micah acrescenta.

Cada um viverá debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira e ninguém o assustará. É a ideia de que você pode viver fora de suas cidades muradas e que a segurança não será baseada em quem tem o melhor sistema defensivo. Que podem viver nas cidades-fortalezas dos tempos bíblicos e ter a garantia de que serão sobreviventes.

Não. Tudo isso acontece por intervenção divina. Este reino será uma sociedade sem guerra, onde até a própria arte da guerra militar será perdida.

Não uma paz armada, mas uma verdadeira paz enviada por Deus. Quando os próprios instrumentos de guerra forem convertidos em instrumentos agrícolas, a nação não aprenderá mais a guerra.

Então, vemos a sinédoque da qual falamos antes. Onde um discurso figurado em que parte é usada para um todo ou um todo para uma parte. Assim, o abandono de duas armas, espadas e lanças, refere-se ao desarmamento total.

A substituição deste representa pitorescamente a paz total, pois fala das relhas de arado, que eram as pequenas pontas de metal usadas para arar a terra. Então, refere-se a um tipo diferente de vida. Então, resumindo, aqui está uma paz externa, uma paz com desarmamento total e sem medo, uma paz permanente.

A paz criada pelo homem é frágil e sempre, em algum momento, quebrada. Aqui temos uma paz permanente porque ela é estabelecida pelo Príncipe da Paz. Ele julgará entre as nações.

O Seu reino envolverá o mundo inteiro e será construído sobre a justiça, será construído sobre a verdadeira espiritualidade. Essa será a base dessa paz. Será mais uma vez dominado pela revelação de Deus.

Portanto, a manutenção da paz é algo importante a ser perseguido. Mateus 5.9, Bem-aventurados os pacificadores. Essa é uma boa vocação.

Pelo menos você sabe que será um trabalho constante. Você não terá que cobrar o desemprego se for um pacificador até que todos estejam na mesma página, percebendo que a paz final é mediada divinamente, e não apenas por coragem, aprendendo as habilidades de negociação.

Essas coisas são importantes, mas estamos falando aqui sobre a maneira definitiva como Deus define isso. Ele tem muito a ver com isso. Então, cursos de ciências políticas, que venham.

Pacificadores, deixem-nos estabelecer-se. Mas eles nos levam apenas a um ponto até que, finalmente, o lado espiritual ou religioso disso seja incluído na equação. Tudo bem, será isso por hoje.

Este é o Dr. Marv Wilson em seu ensinamento sobre os Profetas. Esta é a sessão 28, Passagens Seleccionadas de Isaías, Parte 3.